

As musas de Machado de Assis

Flávia Amparo
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Machado de Assis iniciou sua carreira literária como poeta. Nos primeiros anos de sua trajetória poética, a principal inspiração dos seus versos eram as musas líricas e teatrais, ou seja, cantoras e atrizes que faziam grande sucesso na Corte no século XIX. Esse artigo tem como objetivo analisar a influência das musas na obra de Machado de Assis, desde seus poemas da década de 1850 até a publicação das Crisálidas, em 1864.

Palavras-chave: Poesia, Musa, Machado de Assis.

O primeiro registro de Machado de Assis no universo literário ocorreu em outubro de 1854, no *Periódico dos Pobres*, com a publicação de um modesto poema intitulado “Soneto” e dedicado à “Ilma. Sra. D. P. J. A”. Logo nesse começo, podemos registrar duas impressões acerca do jovem poeta. Em primeiro plano, a ousadia do rapaz de quinze anos, que já almejava divulgar sua produção literária para um público leitor; em segundo, a intenção de impressionar uma senhora, que seria o motivo do poema, talvez alguma musa inspiradora que lhe tivesse despertado os sentidos.

Quem pode em um momento descrever
Tantas virtudes de que sois dotada
Que fazem dos viventes ser amada
Que mesmo em vida faz de amor morrer!

O gênio que vos faz enobrecer,
Virtude e graça de que sois c'roada,
Vos fazem do esposo ser amada
(Quanto é doce no mundo tal viver!)

A natureza nessa obra primorosa,
Obra que dentre todas as mais brilha,
Ostenta-se brilhante e majestosa!

Vós sois de vossa mãe a cara filha,
Do esposo feliz a grata esposa,
Todos os dotes tens, ó Petronilha!¹

No verso final, Machado revela que a musa se chama Petronilha. Pelo elogio dos versos, a dama louvada mostra-se um exemplo de filha e esposa; uma senhora casada que tem nos sobrenomes as iniciais J. A. Nota-se no poema uma espécie de admiração contida e respeitosa, onde se entrevê algum sentimento forte – “Que mesmo em vida faz de amor morrer!” –, atenuado pelo respeito e pelo distanciamento moral: “O gênio que vos faz enobrecer, / Virtude e graça de que sois c'roada”.

A oscilação de sentimentos do jovem poeta é evidente, pois aparenta estar ao mesmo tempo envolvido e distanciado do seu foco de atenção, marcando a atitude dúbia de quem ousa louvar publicamente uma dama, mas oscila entre a aproximação e o afastamento do seu, provável, objeto de desejo.

As informações sobre a infância e a adolescência do escritor, tão obscuras, não nos permitem afirmar com convicção quais teriam sido os primeiros passos do jovem na carreira, no caso, antes de 1854. Tão somente as produções publicadas nos periódicos da época foram os testemunhos dos caminhos percorridos por Machado de Assis desde sua estreia literária.

O grande prosador de nossa literatura, portanto, nasceu poeta. Ainda em tenra idade já traçava um objetivo na vida, um plano de futuro que revelava sua maior aspiração: escrever. Encontrou, sobretudo, o terreno ideal para desenvolver sua vocação, graças ao grande florescimento literário de que gozava a capital do Império na segunda metade do século XIX.

1. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 601.

A partir de 1855, a produção literária machadiana aumenta consideravelmente, graças ao espaço que lhe foi concedido na *Marmota Fluminense*, jornal de Francisco de Paula Brito, importante livreiro e editor que incentivou o início da carreira do escritor.

A primeira publicação de Machado na *Marmota Fluminense* foi o poema “A palmeira”, também de temática amorosa. A confissão do poeta se revela nesse poema a partir de um monólogo direcionado à palmeira, erguida no cimo do monte: “Como é linda e verdejante / Esta palmeira gigante / Que se eleva sobre o monte!”.

Seria, portanto, a primeira subida do poeta ao clássico refúgio das musas – a montanha – lugar de inspiração e isolamento. A palmeira alta e inalcançável, que na antiga Grécia era consagrada ao deus Apolo, ouve as queixas do poeta e guarda os seus segredos: “Ó palmeira, eu te saúdo, / Ó tronco valente e mudo, / Da natureza expressão! / Aqui te venho ofertar / Triste canto, que soltar / Vai meu triste coração.”²

No poema “Ela”, publicado seis dias depois do precedente, em 12 de janeiro de 1855, o foco principal é, mais uma vez, o louvor a uma dama não nomeada. Entretanto, ao descrevê-la, o eu lírico demonstra certo gosto em ouvi-la cantar: “Com sua boca mimosa / Solta voz harmoniosa / Que inspira ardente paixão, / Dos lábios de Querubim / Eu quisera ouvir um – sim – / Pr’a alívio do coração!”³

Talvez haja aqui um prenúncio do enlevo musical que acompanharia Machado por toda a vida, tão fortemente marcado pelos espetáculos dramáticos e líricos da juventude e, principalmente, pelas cantoras e atrizes, suas primeiras musas, que alimentaram as ilusões amorosas do rapaz. Esses espetáculos casavam tão bem a arte, a beleza feminina e a música, que desde cedo arrebatariam o coração do neófito bardo.

Em 15 de julho do mesmo ano, Machadinho⁴ revelaria mais patentemente o gosto pelas divas do Teatro Lírico em outro poema publicado

2. ASSIS. A palmeira. In: SOUSA. *Machado de Assis: poesia e prosa*, p. 17-19.

3. ASSIS. A palmeira. In: SOUSA. *Machado de Assis: poesia e prosa*, p. 22.

4. “Machadinho” era a forma de tratamento que os amigos do escritor adotavam nas cartas da década de 1860.

no jornal de Paula Brito. Mesmo omitindo o nome da cantora, o poeta manifesta-se mais ousado ao declarar que a composição “Teu canto” destinava-se “a uma italiana”.

Tu és tão sublime
Qual rosa entre as flores
De odores
Suaves;
Teu canto é sonoro
Que excede ao encanto
Do canto
Das aves.

Eu sinto nest'alma,
Num meigo transporte,
Meu forte
Dulçor;
Se soltas teu canto
Que o peito me abala,
Que fala
De amor.

Se soltas as vozes
Que podem à calma,
Minh'alma
Volver;
Minh'alma se enleva
Num gozo expansivo
De vivo
Prazer.⁵

A epígrafe do texto – “É sempre nos teus cantos sonorosos / Que eu bebo inspiração” – foi tomada a uma outra composição, “Meu anjo”, que seria publicada em 24 de julho, no mesmo veículo. Em “Meu anjo” alternam-se versos decassílabos e hexassílabos, com a franca intenção de variar ritmicamente o canto de amor dirigido à musa.

5. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 611.

És um anjo d'amor – um livro d'ouro,
Onde leio meu fado
És estrela brilhante do horizonte
Do bardo enamorado
Foste tu que me deste a doce lira
Onde amores descanto
Foste tu que inspiraste ao pobre vate
D'amor festivo canto;
É sempre nos teus cantos sonorosos
Que eu bebo inspiração;
Risos, gostos, delícias e venturas
Me dá teu coração.⁶

Outro importante dado para compreendermos a trajetória de Machado no universo literário e cultural da Corte é sua opção por uma cantora italiana, o que comprova que o rapaz já frequentava os espetáculos líricos, embora não saibamos exatamente de que forma obtinha acesso a tais eventos. Nada mais natural que estivesse fascinado pelas belezas que ocupavam o centro das atenções na época e que observasse de perto o grande assédio que elas recebiam do público, principalmente dos homens influentes e endinheirados que cobriam essas damas de presentes. Assim, Machado se animava a galanteá-las com versos, por meio dos jornais, como única manifestação de apreço de um poeta sem posses.

O interesse do vate pelas cantoras líricas prosseguiria em franca ascensão, e, em 1856, não esconderia mais a admiração em metáforas, palavras vagas, dissimuladas ou sem a clara indicação da destinatária dos versos. O título da composição traria nome e sobrenome da musa inspiradora: “À madame Arsène Charton Demeur”. No poema, o jovem implorava pela permanência da cantora no Brasil.

Oh sol que o céu das artes iluminas,
É cedo o ocaso teu na nossa terra!
Um dia mais, um dia mais de enlevos:
Fica, Charton – contigo a luz gozamos;
Sem ti – sombria treva a cena envolve!

6. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 614.

Nas estrofes seguintes, Machado mostra a sua ambição literária ao desejar o gênio de Musset para louvar Arsène com a dignidade merecida e ter o seu nome levado à posteridade.

Quem me dera, Charton, sentir na mente,
De Alfredo de Musset, o gênio em chamuscas
De imenso ardor, para com voz altiva
Levantar-te um padrão, mais duradouro
Que o mármore ou que o bronze, que lembrasse
Junto do nome teu, meu nome obscuro!
Mas não posso obter do austero fado
Glória maior que admirar-te o gênio
Num pobre canto, que o teu canto inspira!
Musa gentil dos versos que ora teço.⁷

Apesar de declarar sua obscuridade, o eu lírico almeja que a musa se lembre do seu canto, mesmo em outras terras. Se a dama não podia atribuir qualidade à composição, ao menos a aceitasse como lembrança do mais entusiasta dos seus admiradores. O poeta ainda arremata os versos com a exaltação da Charton frente a outra cantora do período, com a qual rivalizava: “Grande é Stoltz, mas Stoltz há muitas; / Charton só uma, que no mundo impera!”.

As falanges de jovens admiradores das musas do Teatro Lírico promoviam, à época, verdadeiras batalhas campais ao redor dos teatros da Corte. Em *A mão e a luva*, Machado faz uma descrição detalhada desses episódios de aclamação das musas líricas. O trecho, além de mostrar a rivalidade entre dois “partidos” – o dos seguidores de Mlle. Lagrua e o dos admiradores de Mlle. Charton –, aponta também para o fato de Machado ter sido testemunha ocular desses acontecimentos.

[...] Eram os tempos homéricos do teatro lírico, a quadra memorável daquelas lutas e rivalidades renovadas em cada semestre, talvez por um excesso de ardor e entusiasmo, que o tempo diminuiu, ou transferiu – Deus lhe perdoe –, a coisas de menor tomo. Quem se não lembra – ou quem não ouviu falar das batalhas feridas naquela clássica plateia do Campo da Aclamação, entre a legião casualônica e a falange chartônica,

7. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 631.

mas sobretudo entre esta e o regimento lagruísta? Eram batalhas campais, com tropas frescas – e maduras também –, apercebidas de flores, de versos, de coroas, e até de estalinhos. Uma noite a ação travou-se entre o campo lagruísta e o campo chartonista, com tal violência, que parecia uma página da *Iliada*. Dessa vez, a Vênus da situação saiu ferida do combate; um estalo rebentara no rosto de Charton. O furor, o delírio, a confusão foram indescritíveis; o aplauso e a pateada deram-se as mãos – e os pés. A peleja passou aos jornais. [...]

Os que escaparam daquelas guerras de alecrim e manjerona hão de sentir hoje, após dezoito anos, que despenderam excessivo entusiasmo em coisas que pediam repouso de espírito e lição de gosto.⁸

No contraponto entre os hábitos culturais do tempo de juventude e os do momento da escrita, há semelhanças entre a narração e a realidade vivida pelo escritor no início da carreira. Mas a maneira isenta de o escritor tratar a história, principalmente a dos dias idos e vividos, fez com que pusesse na fala do narrador uma crítica ao passado, mesmo após recordá-lo com certa nostalgia. Declara, com consciência de escritor maduro, que houve “excessivo entusiasmo”. Resumia, com essa expressão, os arroubos juvenis, lembrando-se, certamente, das ações do passado, dos poemas que dedicou com veemência e dos arrebatamentos de outrora, motivado pelas melodiosas e apaixonantes vozes das musas de seu tempo.

A Mme. de La Grange Machado dedicaria um poema em 1859, louvando o talento da cantora com belos versos: “Talhou-te larga a púrpura do gênio / A mão severa e pura dos destinos, / Imprimiu-te na voz a harpa de um século / E a alma te encarnou em sons divinos.”⁹

Em crônicas posteriores, da década de 70, Machado não negaria ter carregado nos ombros a célebre Augusta Candiani, como um de seus mais fervorosos admiradores. Certamente essas foram cenas saudosas que seriam lembradas pelo escritor, da mesma forma que aquelas descritas em *A mão e a luva* acerca da “guerra” entre lagruístas e chartonistas.

A presença de Machado no meio lírico e teatral demarcaria a influência da música e do teatro em sua obra. Estava o escritor, desde a juventude, infiltrado nesse ambiente, passeando pelos salões, indo aos bailes, espetáculos e saraus, onde desfilavam as mais aclamadas atrizes e cantoras da época.

8. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 1, p. 322.

9. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 696.

Ainda nos poemas dispersos, encontramos composições dedicadas a atrizes, como D. Gabriela da Cunha, amor cultivado em prosa e verso, seja com elogios nos jornais da época, seja a partir de poemas fervorosos. A admiração seria alimentada pela diva com declamações e interpretações especiais que realizaria de alguns dos poemas do jovem Machado, além de atuar, posteriormente, como protagonista de *O caminho da porta*, peça teatral machadiana.

O escritor ainda dedicaria à musa do teatro o poema “A D. Gabriela da Cunha”, em que não pouparia elogios à atriz. Assim conclui o texto: “Faz uma flor de cada espinho acerbo, / Tira de cada treva um arrebol; / Para fazê-la – abre teus lábios, verbo! / Para tirá-la – abre os seus raios, sol!”¹⁰

Em 1861, ofereceria outro poema à atriz e à sua filha Ludovina Moutinho, e, no ano seguinte, escreveria ainda um drama intitulado *Gabriela*, cujos originais se perderam. Embora pouco saibamos sobre tal peça machadiana, interessa-nos sobretudo a escolha do título, exatamente num período de tantas dedicatórias à atriz Gabriela da Cunha.

A insistência do poeta em ofertar composições à célebre artista e em conceder-lhe tantos elogios por meio dos jornais indicaria, segundo biógrafos, uma paixão recolhida, que culminaria na composição do poema “Versos a Corina”, sendo “Corina” o pseudônimo dado pelo autor à célebre artista. Nada comprova a concretização das relações entre Gabriela e Machado, mas fica muito clara a admiração do poeta, no poema de 1861.

Enfim! Sobre esta cena, a tua e nossa glória,
Onde a musa eloquente e severa da história
Toma-te a mão, e te abre à fascinada vista
O campo do futuro, ó grande e nobre artista,
Vejo-te enfim! Ermo, calado e nu,
Esperava a madona e a madona eras tu.
Mercê do mar sereno e do lenho veloz,
A mesma, a mesma sempre, eis-te enfim entre nós!
Eras daqui. Que importa uma ausência? O teu nome
A ausência não descora, o ouvido não consome,
Da lembrança e da luz que ficaram de ti,
Andasses longe, embora, ele vivia aqui.

10. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 694.

O que é o mar? Barreira inútil. A lembrança
Tem asas e a transpõe. E depois a esperança
De ver no mesmo céu a mesma estrela dantes
Punha no ânimo a paz. Aos louros verdejantes
De que ornava a fronte outros inda juntaste.
Bem-vinda sejas tu, tu que por fim voltaste
No brilho e no vigor dos teus dias melhores
Luzente de mais luz, c'roada de mais flores
E que vens, assentando outras datas gloriosas,
Dar ao palco viúvo a melhor das esposas.¹¹

Apesar de não dispormos de dados mais concretos que associem o nome de Gabriela ao de Corina, há uma correspondência entre o período em que Machado compõe elogios e versos à artista e a época em que divulga as primeiras estrofes do poema “Versos a Corina” nos jornais.

Outro aspecto que devemos levar em consideração é que Machado despreza quase toda a sua produção da juventude, os poemas publicados em jornais na década de 50 a 60, quando compõe o seu primeiro livro de poesia, *Crisálidas*, em 1864, com exceção dos “Versos a Corina”, retomados integralmente neste livro de estreia.

Apesar de utilizar a evocação às musas clássicas logo no poema de abertura de *Crisálidas*, “Musa consolatrix”, o poeta não deixa de render louvores a uma musa real, que teria seu verdadeiro nome preservado. Para isso, escolheria o pseudônimo de “Corina” para designá-la, resgatando o nome da musa erótica de Ovídio, da obra *Amores*, assim como justificaria seu silêncio a partir da epígrafe extraída de *Vita nuova*, de Dante Alighieri: “Tacendo il nome di questa gentilissima.”¹²

A prova da existência histórica de Corina nos é concedida pelo próprio Machado, em carta enviada à noiva Carolina Xavier de Novais. Na missiva, em resposta aos questionamentos da noiva a respeito de Corina, o escritor falaria em dois amores, um correspondido e outro não correspondido. Pelo teor da resposta de Machado, o escritor procurava abrandar os ciúmes da futura esposa em relação à musa das *Crisálidas*.

11. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 703-704.

12. Tradução: “Calando o nome da dama gentilíssima”.

[...] és tão dócil como eu; a razão fala em nós ambos. Pedes-me coisas tão justas, que eu nem teria pretexto de te recusar se quisesses recusar-te alguma coisa, e não quero. [...]

Acusas-me de pouco confiante em ti? Tens e não tens razão; confiante sou; mas se te não contei nada é porque não valia a pena contar. A minha história passada do coração resume-se em dois capítulos: um amor, não correspondido; outro, correspondido. Do primeiro nada tenho que dizer; do outro não me queixo; fui eu o primeiro a rompê-lo. Não me acuses por isso; há situações que se não prolongam sem sofrimento. [...]

A tua pergunta natural é esta: Qual destes dois capítulos era o da Corina? Curiosa! era o primeiro. O que te afirmo é que dos dois o mais amado foi o segundo.¹³

Diante de versos tão inspirados e reveladores como os do poema das *Crisálidas*, Carolina tinha razão em sentir ciúme da musa que os havia inspirado. Talvez, por esse mesmo motivo, o escritor tenha decidido cortar uma estrofe inteira, em que falava da imortalidade de seu amor por Corina, ao reeditar sua poesia na maturidade (1901). Afinal, o “eterno”, cantado na estância poética, fora corroído pela traça do minuto, e nada mais restava da glória de Corina depois daquele momento, a não ser a sombra do ciúme.

Outro poema de *Crisálidas* também estabelece relação de correspondência com a atriz Gabriela da Cunha, só que um pouco mais explícita. Machado colocou uma nota instigante ao poema “O dilúvio” no final do livro, destacando um verso dessa composição – “E ao som dos nossos cânticos” –, e fez a seguinte afirmação:

Estes versos são postos na boca de uma hebreia. Foram recitados no Ate-neu Dramático pela eminente artista D. Gabriela da Cunha, por ocasião da exibição de um quadro do cenógrafo João Caetano, representando o dilúvio universal.¹⁴

Apesar da referência explícita à atriz, há algumas questões implícitas no poema e na nota emitida pelo autor dos versos. A hebreia a que Machado se refere é a Sulamita, personagem do *Cântico dos cânticos*, um dos livros da

13. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3. p. 1.348-1.349.

14. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 88.

Bíblia. Os cânticos são poemas de exaltação da primeira noite de amor entre o rei Salomão e sua esposa. A partir de metáforas, a relação amorosa é descrita em detalhes neste livro, em que o noivo celebra o corpo da amada, comparando-o a elementos da natureza. Há também um diálogo, em que a Sulamita interage com o poeta com falas que igualmente celebram a união do casal.

Machado, na ocasião em que fez o poema “O dilúvio”, teria, portanto, aproveitado a oportunidade para fazer Gabriela da Cunha declamar sua composição, colocando-a em situação semelhante à da esposa de Salomão, cantando os poemas de celebração do amor compostos pela lira do amado. Talvez o escritor quisesse fazer da atriz uma nova “hebreia”, papel encenado por Gabriela na peça *O dilúvio universal*, lendo os versos de seu admirador disfarçados em canto místico.

Só, como a ideia única
De um mundo que se acaba,
Erma, boiava intrépida,
A arca de Noé;
Pura das velhas nódoas
De tudo o que desaba,
Leva no seio incólumes,
A virgindade e a fé.

Lá vai! Que um vento alígero,
Entre os contrários ventos,
Ao lenho calmo e impávido
Abre caminho além...
Lá vai! Em torno angústias,
Clamores e lamentos;
Dentro a esperança, os cânticos,
A calma, a paz e o bem.

Cheio de amor, solícito,
O olhar da divindade,
Vela os escapos náufragos
Da imensa aluvião.
Assim, por sobre o túmulo
Da extinta humanidade
Salva-se um berço: o vínculo
Da nova criação.

Íris, da paz o núncio,
O núncio do concerto,
Riso do Eterno em júbilo,
Nuvens do céu rasgou;
E a pomba, a pomba mística,
Voltando ao lenho aberto,
Do arbusto da planície
Um ramo despencou.¹⁵

Atentando para o caráter aparentemente religioso do poema, embora construído com intenção oposta, “o dilúvio” machadiano é um desaguar de metáforas amorosas que, apropriadamente declamadas pela atriz, realizariam uma fusão entre a artista e a esposa de Salomão. Concretizaria assim os auspícios dos versos aqui transcritos, do poema dedicado a Gabriela em 1861: “Dar ao palco viúvo a melhor das esposas”.

Em 1866, data da partida definitiva da artista para Portugal, Machado inseriria mais uma vez uma referência a Corina na peça *Os deuses de casaca*. O personagem Apolo, figura divina associada aos poetas, sente atração pela mulher do pai, cultivando, assim, um amor proibido. Cupido tenta convencê-lo a abdicar da divindade para se tornar humano e unir-se a Juno, que havia se tornado uma mortal.

Assim Cupido descreve Juno: “É bela ainda como outrora, / Bela, e altiva, e grave, e augusta, e senhora. (...) Oh, vaidade! Humana embora, Juno é ainda divina.” Apolo pergunta então qual o nome que teria na terra e Cupido responde: “Um mais belo: Corina!”¹⁶

Inegavelmente, Machado nutriu por Gabriela Augusta da Cunha um forte sentimento, denunciado nos versos da peça ao referir-se a Juno como “augusta e senhora”, objeto proibido no campo dos desejos do jovem Apolo, e tão “augusta” quanto aquela.

Em *Crisálidas*, vemos algumas incursões do poeta à montanha das musas, em poemas de apelo clássico, em que a inspiração surge como essência divina. Logo no poema de abertura encontramos aquele ilustre diálogo entre o Poeta e a Musa, como voz que tenta alimentar a chama da poesia de outrora,

15. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 30-31.

16. ASSIS. *Machado de Assis: teatro*, p. 132.

acendendo a faísca de inspiração que aparentava estar perdida. Assim, o vate desejava retomar a coroa de louros da velha Grécia para colocá-la na “frente do mancebo”.

Embora o eu lírico reconheça que a coroa fora desfolhada pelo tempo, ainda a emprega para lembrar os cânticos de ontem, sob o olhar da experiência do seu presente. É isso o que deixa transparecer na construção do poema “Musa consolatrix”:

Musa consoladora,
Quando da minha frente de mancebo
A última ilusão cair, bem como
Folha amarela e seca
Que ao chão atira a viração do outono,
Ah! no teu seio amigo
Acolhe-me, – e terá minha alma aflita,
Em vez de algumas ilusões que teve,
A paz, o último bem, último e puro!¹⁷

Entretanto, o posfácio de *Crisálidas*, na verdade uma pequena carta de Machado dirigida ao prefaciador do livro,¹⁸ parece desdizer dos ideais presentes em alguns poemas. Comparando o poema “Musa consolatrix” às afirmações contidas no posfácio machadiano, percebe-se que não existe um consórcio amigável entre o poeta e o crítico. Há um abismo entre o que a carta de Machado diz e o que sua poesia contém.

O crítico de si mesmo contraria a “missão do poeta”, contesta tudo o que se refere à inspiração, ao sopro divino como sustentação criativa do autor. Um pretende cantar a inspiração, enquanto o outro declara que ela inexistente. O crítico refuta as produções do passado, mas não rompe completamente com a memória ao evocar antigos companheiros e o tempo que o coroou escritor.

17. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 25.

18. Caetano Filgueiras, advogado e poeta, prefaciou o primeiro livro de poesia de Machado, *Crisálidas*. O excesso de elogios presentes no prefácio de Filgueiras provocou uma forte reação da crítica, que viu nos poemas machadianos uma estética menos ousada do que aquela descrita na abertura do livro. A partir desse incidente, Machado passou a redigir os prefácios dos seus livros.

Não, o meu livro não vai aparecer como o resultado de uma vocação superior. Confesso o que me falta que é para ter direito de reclamar o pouco que possuo. O meu livro é esse pouco que tu caracterizaste tão bem, atribuindo os meus versos a um desejo secreto de expansão; não curo de escolas ou teorias; no culto das musas não sou um sacerdote, sou um fiel obscuro da vasta multidão dos fiéis. Tal sou eu, tal deve ser apreciado o meu livro; nem mais, nem menos.

Foi assim que eu cultivei a poesia. Se cometi um erro, tenho cúmplices, tu e tantos outros, mortos, e ainda vivos. Animaram-me, e bem sabes o que vale uma animação para os infantes da poesia. Muitas vezes é a sua perdição. Sê-lo-ia para mim?

O público que responda.

Não incluí neste volume todos os meus versos. Faltou-me o tempo para coligir e corrigir muitos deles, filhos das primeiras incertezas. Vão porém todos, ou quase todos os versos de recente data. Se um escrúpulo de não acumular muita coisa sem valor me não detivesse, este primeiro volume sairia menos magro do que é; entre os dois inconvenientes preferi o segundo.¹⁹

Embora o escritor negasse a sua vocação superior, ao se considerar um poeta obscuro, declarava-se um seguidor fiel das musas. A falta de tempo é logo apresentada como desculpa, mas o que parece pesar é o desinteresse pelos poemas da década de 50, publicados esparsamente nos jornais da época. De fato, o autor não teve a preocupação de difundir seus primeiros escritos. Sua obra poética seria recuperada na atualidade, colhida por pesquisadores em jornais da época.

A poesia suscita a eterna dúvida: missão ou perdição do escritor? Tal parecer incomodava o jovem Machado de Assis, uma vez que não conseguia se desvencilhar completamente da feição clássica do poeta como intérprete divino, nem podia negar a genialidade e a subjetividade românticas.

O poema que finaliza as *Crisálidas*, “Última folha”, por sua vez, surge como um lamento desiludido, como o sopro derradeiro de uma musa alquebrada. A composição marcaria a definitiva despedida de Machado do estilo que marcou uma fase de grande importância na sua carreira, seria a sua descida da montanha das musas.

19. ASSIS. *Obra completa em quatro volumes*, v. 3, p. 645.

Musa, desce do alto da montanha
Onde aspiraste o aroma da poesia,
E deixa ao eco dos sagrados ermos
A última harmonia.

Dos teus cabelos de ouro, que beijavam
Na amena tarde as virações perdidas,
Deixa cair ao chão as alvas rosas
E as alvas margaridas.

Vês? Não é noite, não, este ar sombrio
Que nos esconde o céu. Inda no poente
Não quebra os raios pálidos e frios
O sol resplandecente.

Vês? Lá ao fundo o vale árido e seco
Abre-se, como um leito mortuário;
Espera-te o silêncio da planície,
Como um frio sudário.

Desce. Virá um dia em que mais bela,
Mais alegre, mais cheia de harmonias,
Voltes a procurar a voz cadente
Dos teus primeiros dias.

Então coroarás a ingênua fronte
Das flores da manhã, – e ao monte agreste,
Como a noiva fantástica dos ermos,
Irás, musa celeste!

Então, nas horas solenes
Em que o místico himeneu
Une em abraço divino
Verde a terra, azul o céu;

Quando, já finda a tormenta
Que a natureza enlutou,
Bafeja a brisa suave
Cedros que o vento abalou;

E o rio, a árvore e o campo,
A areia, a face do mar,
Parecem, como um concerto,
Palpitar, sorrir, orar;

Então sim, alma de poeta,
Nos teus sonhos cantarás
A glória da natureza,
A ventura, o amor e a paz!

Ah! mas então será mais alto ainda;
Lá onde a alma do vate
Possa escutar os anjos,
E onde não chegue o vão rumor dos homens;

Lá onde, abrindo as asas ambiciosas,
Possa adejar no espaço luminoso,
Viver de luz mais viva e de ar mais puro,
Fartar-se do infinito!

Musa, desce do alto da montanha
Onde aspiraste o aroma da poesia,
E deixa ao eco dos sagrados ermos
A última harmonia!²⁰

Machado, apegado à vocação clássica, utiliza a Musa como símbolo da poesia ou da inspiração poética. Assim, construiria o livro com certa organicidade, fazendo a ligação entre o primeiro e o último poema. Havia clamado pela “Musa consolatrix” na abertura, aquela que conforta o poeta e lhe garante a paz e o “último bem, último e puro”. Encerra o livro com outra musa, a da memória, única capaz de guardar a “última harmonia”, o eco do passado, já que o presente não mais alimentava as ilusões de outrora.

Luis Krausz, em seu estudo sobre as musas, revela a importância dessas deusas na evocação da memória e na tomada de consciência do papel do poeta (aedo) na sociedade grega.

20. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 85-87.

Nas invocações à Musa, os aedos pedem à deusa da memória e do canto que os assista, contando-lhes as histórias que desejam narrar. Assim, é atribuída à poesia uma origem divina e o aedo alega ser, não o autor dos versos que apresenta, mas simplesmente um porta-voz das Musas, que falariam por meio dele.²¹

O apelo feito pelo jovem poeta parece ser uma inversão do quadro clássico, em que a musa inspira o poeta a subir o Hélicon ou o Parnaso. No poema machadiano, é o próprio poeta que apela à Musa para descer da montanha e abandonar o lugar clássico, como se a deusa da memória fizesse sua derradeira despedida antes de mergulhar no olvido. No poema, o reencontro entre a musa clássica e o poeta só será possível em outro plano – no céu –, rompendo aparentemente o ponto de união entre o humano e o divino.

Como o título do livro nos acena logo de início, as *Crisálidas* seriam uma espécie de resgate da juventude do poeta, em seu estado de profundas transformações e metamorfoses. Nessa metamorfose poética, as musas ora se relacionam ao passado remoto, ao berço clássico da poesia grega, ora estão relacionadas ao presente do poeta.

“Versos a Corina” parece ser o poema de mediação entre o sacro e o profano, assim como a musa Corina é capaz de nascer “de um beijo e de um olhar” ou de unir as duas pontas da vida: “A mulher que reúne a terra e o céu: Corina!”²² Em vez de evocar a instância divina, visando uma apropriação do elemento sagrado, o poeta sacraliza uma musa terrena, ou seja, elege uma mulher extraída da realidade para efetuar essa transformação em inspiração divina.

É que eu pus neste amor, neste último transporte,
Tudo o que vivifica a minha juventude:
O culto da verdade e o culto da virtude,
A vênua do passado e a ambição do futuro,
O que há de grande e belo, o que há de nobre e puro.²³

21. KRAUSZ. *As musas: poesia e divindade na Grécia Arcaica*, p. 49.

22. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 73.

23. ASSIS. *Toda poesia de Machado de Assis*, p. 84.

Se o amor a Corina é “o último transporte”, parece ser também uma espécie de símbolo de um período áureo da juventude. A musa que o poeta pode “ver” e “sentir” tanto poderia ocupar os salões da Corte quanto o espaço da memória. Corina surge como uma musa recriada, nascida “de um beijo” e de “um olhar”. Ela congrega as esferas do real e do sonho, tornando-se a única musa capaz de casar a terra e o céu, o divino e o terreno.

Machado de Assis's muses

Abstract: The writer Machado de Assis began his literary career as a poet. In the early years of his poetic career, the main inspiration of his poems were singers and actresses who made great success in Rio de Janeiro the 19th century. This article aims to analyze the influence of the muses in the works of Machado de Assis, from his poems of the 1850s to the publication of Crisálidas, in 1864.

Keywords: Poetry, Muse, Machado de Assis.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. (org. Claudio Murilo Leal). Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: teatro*. v. 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.
- KRAUSZ, Luis S. *As musas: poesia e divindade na Grécia Arcaica*. São Paulo: EdUSP, 2007.
- SOUSA, J. Galante de (Org.). *Machado de Assis: poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.